

Análise do apoio das igrejas evangélicas à política de morte: "Eu sou Messias, mas não faço milagre"

Analysis of evangelical churches' support for the politics of death: "I am Messiah, but I do not perform a miracle"

Leonardo Souza das Neves¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

A pesquisa focaliza nas relações das Igrejas Evangélicas na favela Parque São Sebastião no Caju e na atual situação da política brasileira para (não) atender a pandemia mundial da COVID-19. Reflete sobre as atuações das igrejas e realiza um paralelo com os discursos do presidente Jair Bolsonaro e seus aliados durante 2020 sobre a pandemia, e como esse processo influenciaram as percepções e práticas dessas instituições religiosas (BURDICK; BIRMAN). A investigação foi realizada com o levantamento e análise de fontes, a partir da perspectiva de estranhamento (GINZBURG apud JÚNIOR). Em uma aproximação com a etnografia (ROCHA, ECKERT), utilizaram-se também as anotações do diário de campo e foi proposto entrevistas (BOURDIEU) e encontros com os líderes desses templos para conversar sobre as ações e falas do (des) governo atual. Os resultados aqui apresentados serão os conceitos Histórico-Cultural-Social sobre a favela (VALLADARES; MARIANO), como essas igrejas se entendem neste território (OJIMA) e quais entrelaçamentos acontecem entre religião e política nestes templos (MATA).

Palavras-chave: Favela, Igreja Evangélica, Pandemia, Política de morte.

ABSTRACT

The research focuses on the relations of evangelical churches in the Parque São Sebastião favela in Caju and the current situation of Brazilian policy to (not) attend the global pandemic of COVID-19. Reflects on the actions of churches and performs a parallel with the discourse of President Jair Bolsonaro and his allies during 2020 on the pandemic, and how this process influenced the perceptions and practices of these religious institutions (BURDICK; BIRMAN). The research was carried out with the survey and analysis of sources, from the perspective of estrangement (GINZBURG apud JÚNIOR). In an approach with ethnography (ROCHA, ECKERT), field diary notes were also used, and interviews (BOURDIEU) and meetings with the leaders of these temples were proposed to talk about the actions and statements of the current (un)government. The results presented here will be the Social-Cultural-Historical concepts about the slum (VALLADARES; MARIANO), how these churches understand themselves in this territory (OJIMA) and what intertwining happens between religion and politics in these temples (MATA).

Keywords: Slum, Evangelical Church, Pandemic, Politics of death.

RESUMEN

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ). Bolsista PROEX/CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHERRIO), Rio de Janeiro/RJ – Brasil. R. São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20550-013. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7304-8457> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9962743906026029> .E-mail: leonardosouzadasneves@gmail.com

La investigación se centra en las relaciones de las iglesias evangélicas en la favela Parque São Sebastião en Caju y la situación actual de la política brasileña para (no) hacer frente a la pandemia mundial del COVID-19. Reflexiona sobre las acciones de las iglesias y realiza un paralelismo con el discurso del presidente Jair Bolsonaro y sus aliados durante 2020 sobre la pandemia, y cómo este proceso influyó en las percepciones y prácticas de estas instituciones religiosas (BURDICK; BIRMAN). La investigación se realizó con la encuesta y el análisis de las fuentes, desde la perspectiva del extrañamiento (GINZBURG apud JÚNIOR). En un acercamiento con la etnografía (ROCHA, ECKERT), también se utilizaron notas del diario de campo y se propusieron entrevistas (BOURDIEU) y reuniones con los líderes de estos templos para hablar sobre las acciones y los discursos del actual (des)gobierno. Los resultados presentados aquí serán los conceptos socio-culturales-históricos sobre la favela (VALLADARES; MARIANO), cómo estas iglesias se entienden a sí mismas en este territorio (OJIMA) y qué entrelazamiento ocurre entre la religión y la política en estos templos (MATA). **Keywords:** Barrios bajos, Iglesia evangélica, Pandemia, La política de la muerte.

Introdução

A autora Scholastique Mukasonga narra em seu livro *Baratas*, o genocídio que aconteceu em Ruanda por meio de uma Guerra Civil, ocorreu entre 1990 e 1994, dissertando sobre a história do povo tutsis que foi marginalizado e constantemente agredido pelo governo de Ruanda. “Eles nos chamavam de *inyenzi*, as baratas. A partir de então, em Nyamata, seríamos todos baratas. Eu era uma *inyenzi*.” (MUKASONGA, 2018, p. 47). E assim foram considerados baratas, insetos! Não eram mais seres humanos, logo não tinha problema em tortura-los, matá-los, aniquilá-los.

O processo de desumanização de um grupo de pessoas por causa da sua etnia/raça, territorialidade, orientação sexual, gênero e identidade de gênero, pode ser percebido até hoje em todos os lugares do Brasil, principalmente, nas favelas.

A normalização das agressões de diferentes formas de violência pode criar blindagens, como Hugo Paz² afirma em seu poema. Contra todos os ataques que sofremos, infelizmente às vezes essa blindagem nos impede de ouvir as aflições, os gritos, as falas de outros sujeitos que também estão passando por diversas agressões. Por isso, a importância do aprender a olhar, de estranhar.

A diversidade – exatamente a condição que poderia propiciar o enriquecimento das relações humanas – não é olhada, apreendida como estratégia ou meio de realização de cada um e da humanidade como um todo. O que se busca, a todo o custo, é a padronização, o enquadramento em uma norma, obedecendo a critérios que só são preenchidos por uma minoria, uma classe ou grupo dominante. E esta classe utiliza todos os meios – dentre os

² PAZ, Hugo. Para desenhar outros fatos. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

quais se destaca a escola, um espaço contraditório – para transformar em hegemônico o seu projeto (BIANCHETTI, 2002).

O diverso, o diferente, o que foge da dita “normalidade” é visto com estranheza. E todas e quaisquer pessoas, inclusive eu, que não estejam neste padrão imposto são olhadas, geralmente, com olhares de indiferença, (in)tolerância, preconceitos, antipatia, indiferença (BIANCHETTI, 2002). Mudar de calçada quando um grupo de rapazes negros está à sua frente, não ajudar uma mulher agredida por seu parceiro são apenas alguns exemplos que já presenciei de (não) olhares. As favelas e os favelados também são exemplos disso. E esses preconceitos são narrados, afirmados e “legalizados” pelo projeto político da bancada evangélica no governo brasileiro.

A pesquisa apresenta a análise do apoio das lideranças das igrejas no Morro São Sebastião – Complexo do Caju, as falas e narrativas da bancada evangélica e do presidente Jair Bolsonaro no período da pandemia mundial do COVID-19.

República recentemente atingida pela epidemia de um vírus ainda pouco conhecido, o coronavírus, ou, mais precisamente, o SARS CoV-2. Contra a doença que este vírus provoca em humanos, a Covid-19, não se tem uma terapêutica conhecida. Apoiando-se em evidências de pesquisas antigas, feitas in vitro, o presidente da República anuncia que a cloroquina (CQ) é a solução contra o vírus e que o Brasil a testará e a produzirá em massa. (GONÇALVES; SILVA, 2020, p. 3 – 4)

Este marco do seu desgoverno genocida com diversas falas e narrativas do presidente que foram irresponsáveis no momento complicado no Brasil e no mundo, e desta bancada aliada ao governo. E como as lideranças evangélicas no Parque São Sebastião apoiam essa política do atual governo. Nesta análise, terá como atravessamentos e inquietações das experiênciasvivências de sujeitos negros, favelados, LGBTQIA+. E as reminiscências que esses corpos retrataram/retrata no âmbito da política de morte.

Os questionamentos sobre as opressões/marginalizações vivenciadas por meio do racismo, preconceito social, LGBTfobia, territorialidade e religiosidade, foram ao encontro desses sujeitos nas favelas, principalmente, nas eleições para presidência de 2018. Desta forma, foi realizada uma reflexão sobre a realidade em que esses sujeitos estão inseridos, e identificamos essas marcas em nossos corpos³, sejam por meio das físicas ou/e das reminiscências/memórias. Segundo Candau, 2012, p. 22.

³ A pesquisa também perpassa minhas experiênciasvivências e as reminiscências dos meus corpos, pois sou morador desta favela e frequentei durante 18 anos uma igreja evangélica nesta localidade.

Memória social incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância e mesmo durante a vida intrauterina: técnicas do corpo que são o resultado de uma maturação ao longo de várias gerações

Tais enfrentamentos sempre fizeram parte da nossa vida e nas eleições de 2018 ficaram mais latentes e escancaradas, porque anteriormente esses preconceitos eram “velados” porém também eram explícitos, contudo quando o presidente Jair Bolsonaro foi eleito, iniciou um período de “legalização” da política de ódio. Logo, se foi necessário queria uma rede de apoio emocional e de pesquisa para obtive referências para (re)pensar na (re/des)construção de uma consciência das múltiplas identidades ou da identidade como construção (GOMES, 2005; CANDAU, 2012) e por quais vias uma sociedade religiosa realiza a marginalização/objetificação/exotificação dos nossos corpos.

A pesquisa visa entender como essas igrejas no Parque São Sebastião - Complexo do Caju se relacionam com as falas do atual governo; analisar o apoio dos líderes evangélicos às ideologias do presidente Jair Bolsonaro e da bancada evangélica; entender como acontecem as (re/des) construções de suas identidades e corpos das pessoas que frequentam essas igrejas evangélicas; e como essa política de morte interagem com essas instituições religiosas no período de 2020, sendo como marco a pandemia mundial da Covid-19.

Metodologia

Neste artigo é apresentado um aprofundamento e um recorte da pesquisa realizada na graduação como trabalho de conclusão do curso. Logo, essa pesquisa é entendida como um símbolo de resistência e (re)existência de pessoas que, assim como eu, foram silenciadas e esquecidas por muito tempo e tivemos nossos corpos subalternizados/objetificados por diversas falas do presidente do Brasil eleito em 2018 e de seus apoiadores. Reconheço-me nas palavras de Velho (2013, p. 94): “a antropologia, tradicionalmente, tem estudado os ‘outros’ e eu me propus a estudar ‘nós’.”

A pesquisa apresentada passa pelas nossas experiênciasvivências. Conta, de certa forma, as memórias dos nossos corpos com suas marcas e feridas, alegrias e aflições, conquistas e seus custos. Logo, uma das ferramentas para a pesquisa é a escrevivência. Segundo Evaristo, “A nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas

perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande.” (2017, p. 15).

O processo de investigação conta com levantamento e análise de fontes disponíveis nos acervos nas plataformas do Google Acadêmico, Biblioteca da Anped e Revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG).

Procuramos nos aproximar dessas informações a partir de um dos marcos de Ginzburg (*apud* JÚNIOR, 2005) que propõe uma atitude de estranhamento diante das fontes e dos documentos, com o intuito de entender a relação desses líderes religiosos, as falas do presidente Jair para com os corpos marginalizados.

Serão utilizados, portanto, alguns conceitos e metodologias para narrar a relação da política de ódio e as lideranças das igrejas evangélicas no Morro São Sebastião. Partiremos de uma pesquisa de fontes por meio de trabalhos que realizam a explanação das ideologias preconceituosas do presidente neste período da pandemia mundial do Coronavírus-19. Os aproximamos de uma pesquisa etnográfica, utilizando técnicas de entrevista apoiadas em Rocha e Eckert (2008). Realizamos entrevistas com um roteiro semiestruturado, por meio de videochamadas utilizando o aplicativo *WhatsApp*⁴. A intenção é que o ambiente seja propício para troca mútua de conhecimento, que as barreiras de entrevistados e entrevistadores sejam as mínimas possíveis. Isso faz uma abertura mais facilitada para o trabalho de campo onde a pesquisa foi efetuada, porque somos dissidentes, ex-crentes, logo temos um acesso privilegiado a esses sujeitos.

O diário de campo foi outra ferramenta fundamental para a pesquisa. Depois de realizar cada exploração do campo, encontrei a necessidade de transcrever as experiências/vivências. O passo seguinte foi organizar os dados coletados desde o início da pesquisa: os levantamentos bibliográficos, as entrevistas e o diário de campo, para então elaborar uma reflexão escrita. Uma escrita que caminha entre a música, a poesia e as nossas reminiscências.

Ao máximo, procuramos respeitar as características dos sujeitos entrevistados ao mesmo tempo que expor as complicações apresentadas naquela favela. O estado do Rio de

⁴ Seguindo as orientações dos protocolos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde (BR) de distanciamento social para reduzir o avanço da pandemia da covid-19.

Janeiro é composto por diversas favelas, da zona norte à zona sul. E cada favela é composta por pessoas com suas múltiplas identidades, que têm diversos posicionamentos políticos, credos, cores, memórias, histórias, tristezas, alegrias, amores, paixões e ódios. Esses espaços/sujeitos são plurais e não apresentam uma única cultura. A partir desses múltiplos lugares/sujeitos, que compõem a cidade do Rio de Janeiro, quero que nossas histórias sejam contadas, narradas, discutidas e visibilizadas também nos espaços acadêmicos. Por isso, esse trabalho tenta ser uma ferramenta para narrar/construir/amplificar uma história do Parque São Sebastião, localizada no Complexo do Caju e de alguns de seus sujeitos.

Optamos por fugir, tanto quanto nos foi possível, das afirmações categóricas, das certezas inabaláveis. Um estudo sobre as relações entre história e religião, desde que queira ser honesto, será sempre um experimento. O que significa dizer que este livro (pesquisa) deve ser compreendido como um esforço de reflexão. E como uma tentativa de formular perguntas, mais que de trazer respostas. (MATA, 2010, p. 12)

Partindo do mesmo sentimento de Mata (2010), não tenho o objetivo de trazer verdades absolutas sobre a temática, ou a crença, mas relatar as análises realizadas nestes territórios e fontes, atravessado pelas experiênciasvivências desses sujeitos e as reminiscências desses corpos por meio dessa política de ódio. Portanto, nesta pesquisa apresentaremos as experiências desses sujeitos favelados com esses espaços religiosos e os líderes desse lugar. No intuito de observar como esse apoio se relaciona com as interações desses corpos e corpos dos moradores do Morro São Sebastião – Complexo do Caju.

A pesquisa partirá de um agnostismo metodológico (MATA, 2010, p.19), entendendo esses espaços religiosos como ambiente para construção, reconstrução e desconstrução das identidades dos sujeitos que a frequentam. O prisma que a pesquisa apresenta será a partir das pesquisas bibliográficas realizadas ao longo do trabalho e das entrevistas/ questionários realizadas com vários sujeitos evangélicos. As igrejas evangélicas são mais amplas que os seus templos físicos.

A religião nunca trata exclusivamente de “fé”, ‘santidade’ ou “salvação”. Ela tende a ampliar seu campo de influência para as mais diversas esferas da vida, da sexualidade à política, estabelecendo ou pretendendo estabelecer a forma como os indivíduos devem agir em tal ou qual circunstância. (MATA, 2010, p.23)

Utilizar essas ferramentas metodológicas na pesquisa foram fundamentais para a construção enquanto pesquisadores/investigadores e tentamos ir “além das ‘aparências’ e identificar ‘códigos’ nem sempre explicitados.” (VELHO, 2013, p. 125).

Caju e suas evangélicas

Partindo das pesquisas das fontes percebemos a “normalização” dos olhares para com a favela que leva a cristalização de representações, é uma construção histórica, política, econômica e cultural. Tais olhares podem ser observados no século XIX desde os antigos Cortiços, que foram antecessores das primeiras favelas. Quem os olhava e estava autorizado a defini-la eram os higienistas e médicos. Partiremos deste conceito segundo VALLADARES, 2005, p. 24:

Considerado o locus da pobreza, no século XIX era o local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros, todos pertencentes à chamada “classe perigosa”. Definido como um verdadeiro “inferno social”, o cortiço carioca era visto como antro da vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral. Percebido como espaço propagador da doença e do vício era denunciado e condenado através do discurso médico e higienista, levando à adoção de medidas administrativas pelos governos das cidades.

O Estado e a classe dominante foram, assim, utilizando diversos discursos e narrativas de diferentes áreas que contribuíram para a construção do perfil dos moradores do cortiço, criando assim um estereótipo dos sujeitos que habitavam naqueles espaços, tornando-os inimigos de uma sociedade saudável e limpa. As estratégias que foram elaboradas tinham como objetivo atacar os espaços de pobreza, logo, os cortiços do Rio. Os cortiços eram lugares necessários para as populações mais pobres da cidade, pois como não tinham nenhum poder de mobilidade, dependiam da localização central dos cortiços para sobreviver já que era na região central que trabalhavam. O perfil dos moradores desses espaços eram sujeitos das zonas rurais, pessoas que foram escravizadas e libertas, que não tinham ganho fixo e precisavam procurar trabalho diariamente. Portanto, esses moradores eram pobres e em sua maioria negros.

Logo, os cortiços antes de serem destruídos pelas reformas de “urbanização, revitalização e modernização” da cidade do Rio de Janeiro (em outras palavras a higienização da população preta e pobre do centro do Rio), tinham as mesmas estruturas que as primeiras favelas nas cidades. Segundo Valladares, 2005, p. 24 “... os cortiços do Rio de Janeiro demonstram que esse tipo de hábitat pode ser considerado o ‘germe’ da favela.”.

Segundo Valladares com esses processos no início do século XX, foi criada a categoria de favela como tipos de moradias residenciais e organização urbana. Entretanto, a favela é antecessora da própria categoria.

A Quinta do Caju, a Mangueira e a Serra Morena também datam do século XIX e são todas anteriores ao Morro da Favella. O povoamento de tais zonas começou em 1881, nada provando que tenha resultado de uma ocupação ilegal. Tanto na Quinta do Caju quanto na Mangueira, os primeiros habitantes não parecem originários do mundo rural brasileiro, pois eram imigrantes portugueses, espanhóis e italianos, permitindo supor que o seu estabelecimento nessas áreas tenha sido autorizado. (VALLADARES, 2005, p.26)

E como podemos observar a favela já tem mais de um século na história do Rio de Janeiro. "Favela" passou a ser sinônimo de morro, pois as favelas encontravam-se nos morros.. Portanto, as favelas existem desde o final do século XIX e deste então os seus moradores são acusados de vadiagem, falta de “educação”, escandalosos, sem modos de comportar nos lugares, ladrões, traficantes, dentre outras coisas que a classe hegemônica utiliza para nos rotular. Essa é a imagem que iremos partir para desconstruir e, então, reconstruir outras imagens, por sermos sujeitos múltiplos e plurais.

Partindo de uma pesquisa bibliográfica em plataformas de pesquisa, foram constatados uma monografia (SOUZA, 2017) e duas dissertações (ANDRADE, 2006; e ALVES, 2007), sobre o Bairro do Caju e não sobre o complexo, ambas com temáticas das ciências sociais. Também foram encontrados alguns trabalhos utilizando o Caju em algumas citações, a maioria deles abordando questões sociais, questões ambientais, direito e economia.

O Caju foi durante muito tempo considerado um bairro (dito) nobre pelas classes dominantes, por compor a antiga Fazenda Real de São Cristóvão e ser então a Imperial Quinta do Caju de responsabilidade da Companhia de Jesus. No século XVIII, os jesuítas foram expulsos do país e as terras foram loteadas à Coroa portuguesa. Segundo Alves, 2006, p. 23,

O Caju era então uma aprazível ponta de terra que avançava na Baía de Guanabara e possuía belíssimas praias, ladeadas por inúmeros cajueiros, que acabaram por nomear o bairro. A pureza cristalina das águas e a proteção das sombras dos cajueiros faziam do local um lugar adequado para o banho de mar e o repouso. A história do bairro revela o mesmo como um local outrora tranqüilo, de clima ameno, favorecido pelo contorno privilegiado da Baía da Guanabara, numa área de abundante vegetação. Era, além disso, o local de praias mais próximo do Centro da cidade e, por isso, tornou-se uma espécie de balneário da elite da época: ricos comerciantes e famílias abastadas. Estes construíram aí suas chácaras de veraneio. O Caju que então era um balneário, a partir da vinda de D. João VI, em 1808, passou a ser identificado como um balneário real.

Nas narrativas ditas tradicionais, ou seja, hegemônicas⁵, afirmam que o bairro do Caju “com o advento da República e posteriormente com a Reforma Passos, o Caju começou a perder sua característica residencial.” (ALVES, 2007, p. 24). Todavia, diversas pessoas estavam estabelecendo moradias de ocupações (barracos), por conta da construção da Estrada de Ferro Rio D’Ouro⁶ na Ponta do Caju, ao longo de toda a linha férrea e por conta da chegada dos pescadores que se instalaram no final do século XIX e início do XX (SOUZA, 2017, p.6). Então fica a questão: uma outra população carrega consigo uma forma de habitação não residencial?

Tendo origem nessas pessoas que foram esquecidas ao longo da história única (CHIMAMANDA NGOZI, 2009), tentamos trazer um olhar diferente para esse complexo.

O chamado Complexo do Caju tem como composição nove favelas: Parque São Sebastião (PSS), Quinta do Caju, Parque Nossa Senhora da Penha (Manilha), Ocupação Vila dos Sonhos (antigo Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião), Clemente Ferreira, Parque Boa Esperança (9 Galo ou 950), Parque Conquista (Chatuba), Parque Alegria (PA) e Ladeira dos Funcionários.

Se no passado o Caju foi uma região cobiçada pelas classes dominantes, mesmo integrando a região portuária da cidade, recentemente o prefeito Eduardo Paes, retirou o Bairro e o Complexo do Caju como zona portuária por conta do projeto “Porto Maravilha” em 2011, e passou a ser considerado Zona Norte do Rio de Janeiro.

O projeto traria melhorias para as favelas que estão nessa região, pois a proposta era recuperar áreas degradadas, executar projetos de infraestrutura e recuperação social e ambiental. Como o plano era para os Jogos Olímpicos de 2016 e as reformas no complexo do Caju não seriam vistas e usufruídas pelo turista do evento de porte mundial, somente os moradores seriam beneficiados, o prefeito decidiu retirar o Complexo do Projeto.

⁵ Segundo Gomes, 2003, nas narrativas hegemônicas são presenciadas no decorrer do processo histórico a partir do século XV, se estabelecendo assim uma visão por alguns como universal, na realidade, construído socialmente, num contexto histórico, cultural e político. Narrativas essas eurocêtricas, heteronormativas, machistas e fundamentadas no patriarcado.

⁶ Decreto 2639 de 22 de setembro de 1875 (Link: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18560/collecao_leis_1875_parte1.pdf?sequence=1)

“Enfim, aumenta o número de pessoas invisíveis em cidades invisíveis. Invisíveis aos olhos do Estado e alheios ao mercado formal, tornam-se figurantes em um filme em que os protagonistas não querem ser reconhecidos.” (OJIMA, 2007, p. 346) E é este não-olhar das políticas públicas e dos direitos básicos que os moradores do Complexo do Caju e das demais favelas do Rio de Janeiro recebem. Somos sujeitos invisíveis diante do Poder público.

O Parque São Sebastião era localizado no antigo Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião, no Caju, que foi inaugurado com pompa e circunstância por D. Pedro II em 1889, criado para atender os doentes das inúmeras epidemias que varriam o Rio no fim do século XIX. O prédio onde funcionava, no Caju, e que já teve 500 leitos, foi desativado em 2008. No mesmo ano em que o hospital foi desativado, teve início, em dezembro, um projeto de lei de Segurança Pública para as favelas da cidade do Rio de Janeiro, o Programa de Polícia Pacificadora (UPPs), com a ocupação de diversas favelas entre 2008 e 2014.

No decorrer da aplicação desse programa de segurança pública, diversas famílias que eram residentes/moradores das favelas ocupadas pelas UPPs, realizaram uma migração para vários municípios do estado do Rio de Janeiro, um desses lugares que recebeu um aumento significativo de seus moradores foi o Complexo do Caju.

As favelas sempre tiveram dificuldades em relação à presença do Estado, uma vez que diversos direitos ainda são negados. Esse retrato é percebido historicamente quando com mais de um século de existência de favelas, a ajuda social “aos pobres tinha um caráter quase exclusivamente privado e religioso” (VALLADARES, 2000, p 21.). Atualmente, muito do que o Estado não faz é coberto por instituições religiosas, principalmente as evangélicas, bem presente na atuação nas favelas.

No Caju, como em outras favelas, apresentam-se diversas lacunas sociais que são deixadas pelo Estado, algumas delas são preenchidas por diversas instituições, e a principal no Parque de São Sebastião são as igrejas evangélicas. Essas igrejas oferecem/ofereciam reforço escolar, assistências sociais – distribuição de alimentação (refeições e cestas básicas) e doações de roupas, cursos profissionalizantes e orientação vocacional, além de proporcionar experiências diferentes (através de passeios, visitas a museus, viagens missionárias e etc) para crianças e jovens dessa favela.

O inaceitável deve ser combatido por ações que possam repeli-lo do ponto de vista prático e principalmente imediato: a fome não espera projetos de longo prazo, por exemplo, e a solidariedade precisa ser imediata nos seus efeitos – por medidas práticas capazes de romper com o esgarçamento e inércia morais e políticas que acompanham a reprodução social e seus mecanismos. (BIRMAN. 2012 p. 212)

Daí a importância de construir uma história dessas instituições e analisar suas influências/participações na formação dos moradores. E através das histórias essas instituições religiosas apresentam as histórias desse lugar que elas ocupam.

As periferias são pois convocadas por muitas igrejas evangélicas a adotar uma nova linguagem religiosa que não necessariamente seria complementar às convenções sociais naturalizadas e de base católica (cristã). Desconfio que esse pluralismo religioso que emerge nas periferias esteja significativamente banhado em uma cultura evangélica cujo alcance ultrapassa aqueles que congregam em suas igrejas. (BIRMAN, 2012, p. 218)

Não temos o objetivo de trazer verdades absolutas sobre a temática, ou a crença, mas relatar nossas vivências nesse espaço religioso. Portanto, nesta pesquisa apresentaremos as experiências desses sujeitos favelados com esse espaço religioso e os líderes desse lugar, durante a pandemia mundial da COVID-19. No intuito de observar como essa igreja realiza sua interação com os moradores do Morro São Sebastião – Caju. Segundo Evaristo (2017): “A nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande.”

Foi realizada videochamadas pelo *whatsapp* com os líderes das igrejas evangélicas foram entrevistados a partir de um questionário semiestruturado (ROCHA; ECKERT, 2008). Ao organizar as entrevistas, procuramos, conforme Bourdieu (1997), preparar um ambiente propício para troca mútua de conhecimento. Na impossibilidade de retirar as barreiras entre entrevistadores e entrevistados, a intenção era diminuí-las no meio virtual.

Foram convidados todos os líderes das 5 (cinco) igrejas⁷. Todos homens, acima de 30 anos de idade e ativos na comunidade para as questões sociais (entregas de cestas básicas, distribuição de doações: de cestas básicas e roupas; ações sociais com atendimentos jurídicos, oftalmológico e outros). E por serem importantes para algumas pessoas nesta favela preservamos as identidades dessas pessoas e os nomes das igrejas participantes. Na

⁷ Os nomes das igrejas evangélicas serão ocultados por uma questão ética. As igrejas serão identificadas como: Igreja 1, Igreja 2, Igreja 3, Igreja 4 e Igreja 5, assim também seus Líderes respectivamente.

pesquisa serão identificados como líderes 1 à 5, respectivamente com a numeração de suas igrejas.

“Você irá para o inferno, sua bichinha. Abominação!”⁸ - Política de ódio e Política de morte

Partindo de MATA, 2010, p. 12.

Optamos por fugir, tanto quando nos foi possível, das afirmações categóricas, das certezas inabaláveis. Um estudo sobre as relações entre história e religião, desde que queira ser honesto, será sempre um experimento. O que significa dizer que este livro (pesquisa) deve ser compreendido como um esforço de reflexão. E como uma tentativa de formular perguntas, mais que de trazer respostas.

No decorrer das conversas com as lideranças dessas igrejas locais, diversos temas foram trabalhados na pesquisa, as ações sociais que são realizadas na comunidade e algumas delas até realizadas durante a pandemia, a opinião deles sobre a atuação do governo no ano de 2020 sobre as temáticas de saúde, segurança, educação e foram solicitados a eles a lerem algumas falas do presidente e de seus apoiadores.

Quando as conversas eram sobre as atuações das igrejas nas questões sociais, todos os líderes estavam colaborando e dispostos a trocarem conhecimentos nas pesquisas. Contudo, quando o assunto da atuação do governo na pandemia foi introduzido no diálogo, os Líderes 1 à 4 interromperam as chamadas de vídeos. Somente o Líder 5 participou da pesquisa até o final.

A conversa com os líderes tiveram início sobre o porque o Parque São Sebastião foi escolhido para atuação das respectivas igrejas evangélicas. Todos os 5 líderes evangélicos narraram que o território foi parte do “*plano de Deus*” e precisavam encontrar o “*amor de Deus*”, pois estavam “*perdidos*”.

As favelas/periferias ainda são encaradas como uma terra sem lei, onde não há regras e leva ao tráfico de drogas, um lugar que precisa de “disciplina” e “civildade”. Um espaço que as igrejas evangélicas acreditam que somente a fé pode “salvar” as pessoas, não somente as almas mas também da própria favela.

De certo modo, os projetos seculares e religiosos para tratar da questão da violência na cidade basearam-se em uma ficção de isolamento das zonas de favela e periferias, como se houvesse nesses supostos enclaves uma autonomia de gestão exterior ao estado e à sociedade nacionais, por um lado e por outro, como se houvesse uma separação nítida entre duas totalidades que estariam em contato com eles: o estado e a

⁸ Fala de um dos entrevistados (Líder 1) antes de desligar a chamada de vídeo.

sociedade. Seriam as favelas, do ponto de vista desse imaginário, territórios de certo modo exteriores ao controle do estado e diferentes da sociedade envolvente.[...] Nas favelas, onde se encontraria a inércia do Estado junto àqueles que não se deixaram até agora governar, um novo ator secular/religioso/militar aparece reunindo em sua pessoa o poder de comandar, a autoridade moral para agir e a obediência aos superiores como valor a seguir. Trata-se de um personagem que, dotado de atributos que contrastam ao máximo com as figuras de alteridade sob seu comando, teria melhores condições de acolher e direcionar os trabalhos religiosos e seculares existentes. (BIRMAN. 2012. p. 219-220)

Segundo líderes das igrejas evangélicas, as atividades realizadas por essas instituições nesta favela, marcaram as pessoas do Parque São Sebastião, pois a proposta naquele espaço iria além da evangelização, conforme demonstrado nas entrevistas, e sim da atuação para a “mudança de vida”. E que essa transformação seria feita por meio de Deus, e não podemos parar isso por causa de uma “gripinha”⁹. Essa perspectiva não é recente, segundo Birman, 2012, p.218.

[...] não é de hoje que missionários e religiosos buscam agir em instituições seculares (escolas, prisões, centros de recuperação de drogados, de recuperação de homossexuais, conselhos tutelares, instituições de caridade, de formação) onde trabalham no sentido de modelar esses serviços aos propósitos de salvação que defendem. O reconhecimento das populações de favelas e periferias da cidade como regiões morais que demandam tratamentos específicos tem, em consequência, dado lugar a inumeráveis projetos nos quais as carências sociais são conjugadas a faltas morais e espirituais.

Nesta visão acontece porque a favela seria um ambiente no qual a presença do dito “Mal” seria forte e deveria ser combatida em intensas e cotidianas batalhas espirituais para cujos desafios as lideranças e demais adeptos desta religião devem estar preparados - logo, “em oração” (BURDICK, 2015, p. 186).

Segundo o CIN - Censo Institucional Evangélico - de 1992 surgiram cinco igrejas por semana no Brasil, média do registro de igrejas evangélicas no Diário Oficial do Estado entre 1990 e 1992. O crescimento das igrejas evangélicas é um fenômeno mundial, principalmente as pentecostais e neopentecostais, segundo Burgess e Maas (2002 apud Burdick 2015) eles seriam hoje meio bilhão de pessoas no mundo. Segundo Mariano, 2004, tal crescimento aconteceu principalmente nas regiões de vulnerabilidade e desigualdade social, ou seja, as favelas. E o campo mais atuantes dessas instituições são as favelas/periferias.

No atual cenário religioso brasileiro onde 86,8% da população se autodeclara cristão, sendo 22,2% de evangélicos segundo o IBGE 2010, e paralelo a esse crescimento surgir uma grande onda de conservadorismo moralista nos últimos tempos.

⁹ Referenciando a pandemia mundial da COVID-19

Para Quadro e Madeira esse percentual já apresenta diferença em 2014.

De acordo com pesquisas um pouco mais recentes (Pew Research Center, 2014), o percentual de “evangélicos” no Brasil é ainda maior (26% da população), o que talvez sugira que o potencial de crescimento desse segmento ainda não esteja totalmente exaurido. (2018, p. 494)

E os evangélicos tiveram uma adesão forte dentro de diversas favelas. Para Burdick, 2015, existem alguns motivos para as favelas serem tão receptivas com as igrejas evangélicas: a linguagem religiosa é próxima dos moradores, “a linguagem e a religião que fazem um povo, mas a religião é ainda mais poderosa que a linguagem” segundo MATA, 2010, p. 73; em algumas igrejas é obrigatório que um dos líderes e seus familiares sejam da mesma comunidade como intuito de criar assim uma empatia com os moradores daquele lugar; a influência familiar é muito forte, pois quando alguém se converte (entrar para igreja) é incentivado a evangelizar e as primeiras pessoas que são evangelizadas são os próprios familiares e amigos mais próximos; a disponibilidade quase diária de alguns templos, estabelecendo um vínculo forte com os sujeitos que a frequentam todos os dias; as redes de solidariedade com os membros e frequentadores. E com isso a igreja deixa de ser só um templo para a fé e também o lazer de alguma comunidade.

Na conversa com os líderes evangélicos, quando perguntados sobre o que eles achavam sobre atuação do governo no período pandêmico. Os Líderes 1 à 4 desligaram a videochamada no mesmo momento e o líder da igreja 1 antes de desligar declarou:

Como assim? Sério? Acha que não sei o que tá fazendo?! Seu comunista enviado do capeta. Tá querendo envergonhar o nome de Deus com essa doutrinação da faculdade pública. Você traz muita tristeza para sua família e para Deus! Você irá para o inferno, sua bichinha. Abominação! (Líder Evangélico 1, 2021)

Esse é um dos exemplos sobre a política de ódio do atual cenário brasileiro, apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro e seus aliados. Depois dessa falar do Líder 1, ele interrompeu a conversa e desligou a videochamada. Tal ação é consonante a falar do chefe do Estado no dia 10 de novembro de 2020, quando questionado sobre a crise sanitária mundial, que na época já encontravam-se 162 mil brasileiros mortos. Ele disse que "*tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô*". Ao repetir que "*todos nós vamos morrer um dia*", o que reduz a importância dada à pandemia, o presidente afirmou que o Brasil "*tem que deixar de ser um País de maricas*" ao lidar com a situação. Essas falas estão sendo proclamadas pelo presidente desde o início da pandemia da COVID-19.

As falas e ações que foram vivenciadas ao longo da pesquisa me remete a uma experiência que ocorreu com um grupo de jovens no dia do resultado do segundo turno nas eleições de 2018.

No dia 28 de outubro de 2018, logo após a confirmação que Jair Bolsonaro tinha ganhado as eleições para presidente, um grupo de amigos, todos LGBTQIA+, saíram para ir ao mercado. Todos muito tristes por causa do resultado. Na saída do mercado foram abordados por um sujeito que estava com uma blusa estampada o rosto do Bolsonaro, encostado em seu carro, parou o grupo e falou: “Agora está liberado matar viado?”. Em sequência retirou uma arma da cintura e colocou em cima do capô do carro. O grupo ficou sem reação e saiu daquele espaço o mais rápido possível. (Relato de experiência, 2018)

Sobre essa política de ódio, ações e escolhas que discriminam um grupo de pessoas por causa da sua orientação sexual, identidade de gênero, etnia/raça, localidade onde reside, classe social, crença, credo e religião; quaisquer aspectos que não sejam dentro dos “padrões” impostos por determinado grupo social que acredita ter poder.

[...] trata-se de uma experiência eterna que todo homem que possui poder é levado a dele abusar; ele vai até onde encontra limites. Quem, diria! Até a virtude precisa de limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder. Uma constituição pode ser tal que ninguém seja obrigado a fazer as coisas a que a lei não obriga e a não fazer aquelas que a lei permite. (MONSTESQUIEU, 2016, *apud* STRÜCKER; MAÇALAI, 2019, p. 90)

E nesta relação de poder que as igrejas evangélicas influenciam as pessoas que frequentam seus espaços Isso pode ser observado quando essas pessoas continuam indo nas reuniões religiosas durante a pandemia, pois as atividades das igrejas 1 à 4 no Parque São Sebastião – Caju, não parou pois segundo seus pastores a COVID-19 era apenas uma “gripezinha” como narrado mais acima. E reproduzindo a fala do presidente Jair Bolsonaro em 20 de março de 2020 que declarou no final de uma coletiva de imprensa do Ministério da Saúde: *“Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, não, tá ok?”*. E em seu pronunciamento nas redes de TV e rádio afirmou: *“No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”*. Ainda no dia 9 de março de 2020 em uma viagem oficial aos EUA declarou: *“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está sendo superdimensionado o poder destruidor desse vírus”*.

O sentimento de que a pandemia mundial era apenas “uma pequena crise” (BOLSONARO, 2020) foi propagado pelos Líderes das igrejas 1 à 4. Somente o Líder da Igreja evangélica 5 que disse:

“Não estamos com atividades presenciais porque não vou colocar a vida de ninguém e a minha em risco. Isso é o amor de Deus! Se importar com a vida de todas as pessoas, principalmente, neste momento tão complicado que está acontecendo no mundo.”

Somente o líder da igreja 5 continuou com a conversa, segundo este participante da pesquisa:

“Não acredito que política e religião tenha que se envolver, pois cada um tem seus posicionamentos e devem ser respeitados. Aqui (Igreja 5) não queremos influenciar ninguém a votar em ninguém. Se a pessoa votou no Bolsonaro ou no Lula, tanto faz. Não tem diferença aos olhos de Deus. Minha preocupação é com a vida espiritual dessas pessoas e não em quem votou.”

Partindo de Strücker, e Maçalai, 2019, p. 88: “a religião sempre esteve e está presente no ser humano de alguma forma, criando relações de influência e de poder. Por mais que se tente apartar o homem da religião, o desejo religioso dele sempre está presente.”, observamos as relações e as influências de poder que os pastores evangélicos têm sobre os fiéis que frequentam seus templos são mais complexas que não externalizam em seus púlpitos sobre determinados políticos.

Eu pessoalmente acho que ele (Jair Bolsonaro) fez um trabalho que deu para fazer com suporte e apoio que tinha, infelizmente algumas pessoas morreram. Mas essa é minha opinião, não devo influenciar as pessoas que frequentam a igreja que sou responsável com isso. (Líder 5, 2021)

Consoante a fala do presidente no dia 27 e 29 de março de 2020:

Vamos enfrentar o vírus. Vai chegar, vai passar. Infelizmente algumas mortes terão. Paciência, acontece, e vamos tocar o barco. As consequências, depois dessas medidas equivocadas, vão ser muito mais danosas do que o próprio vírus. Alguns vão morrer? Vão morrer, lamento, essa é a vida. Não podemos parar fábricas de automóveis porque têm 60 mil mortes no trânsito por ano. O vírus tá aí, vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque, vamos enfrentar o vírus com a realidade, é a vida, todos nós iremos morrer um dia. (Redação, O Estado de S.Paulo, 2020)

Considerações finais

“*Não sou coveiro*” (Jair Bolsonaro, 2020)

Portanto, neste processo onde o mundo todo parou por causa dessa pandemia, o presidente da República informa que não é coveiro, com isso fica nítido que determinados grupos sociais seriam mais afetados que outros. “É uma política de vulnerabilização e produção de morte que se dirige a determinados grupos populacionais.” (GONÇALVES; SILVA, 2020, p. 4).

“Quem é o primeiro a morrer na pandemia?”¹⁰, pergunta que Caio Prado narra em sua música. E de fato, quando não temos um plano de governo para situações que o Estado precisa garantir os direitos básicos para seus cidadãos, mais ainda, grupos que são marginalizados ficam vulneráveis à exposição. E para reforçar as possibilidades de contágios as igrejas evangélicas no Parque São Sebastião – Complexo do Caju, continuam com suas atividades religiosas expondo as pessoas que frequentam esses espaços.

E essas relações e influências de poder sobre corpos favelados que as igrejas evangélicas apresentam, com suas bases, fundamentações e ideologias voltadas para o desgoverno do atual presidente do Brasil – Jair Bolsonaro.

A partir destes questionamentos: “E daí, lamento. Quer que faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”¹¹. Nesta situação percebemos que as vidas, principalmente das favelas, são apenas moedas dentro de um sistema. “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”¹². E esses corpos têm cor, raça/etnia, classe social, gênero e famílias, mas “*Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos. Todos nós vamos morrer um dia, não adianta fugir disso. Tem que deixar de ser um País de maricas*”¹³.

E mesmo que nos vejam como apenas “*inyenzi*, uma pequena serpente, uma pequena barata.” (MUKASONGA, 2018, p. 48), devemos manter a esperança que existem dias melhores.

Eu não caminharei com medo. Não vão me ver no desespero. Nossa voz vai ecoar em cada beco. Nossa história é resistência salve o povo preto. Preto é apagado na história. Mas traz na memória os dias de rei. Fulni-ô ainda em conflito. Hoje morrem a tiros. Grito pra ninguém. Conta pra pagar. Banco pra dever. Sistema carcerário quer prender você. Escola sem partido SUS vai suspender. Não vai se aposentar trabalha até morrer. Vamos derrubar. Vamos derrubar o governo (DORALYCE, Vamos Derrubar o Governo, 2020)

Forjamos nas palavras de Doralyce (2020), não caminharemos com medo. Seremos quem somos. E queremos que os nossos corpos sejam totalmente válidos, cada um do seu jeito. E continuaremos nos protegendo e aos nossos amigos e familiares.

¹⁰ CAIO PRADO. Não Sou Teu Negro. Rio de Janeiro. Lyric Video. 2020. Suporte: 5 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qctO0rX24BU>> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

¹¹ Fala de Jair Bolsonaro, diante do comentário de uma jornalista sobre o Brasil ter passado a China em número total de mortes pela COVID-19. - 28 de abril de 2020.

¹² Disse Bolsonaro após uma apoiadora pedir uma palavra de conforto para os "enlutados, que são inúmeros". 2 de junho de 2020.

¹³ Afirmou o presidente no dia 10 de novembro de 2020.

Referências

A FOLHA. Ignorar isolamento na Covid foi ideia fixa de Bolsonaro; lembre outras desde o início do governo. 23 de dezembro de 2020 às 12h00. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/ignorar-isolamento-e-nova-obsessao-de-bolsonaro-relembre-outras-desde-o-inicio-do-governo.shtml>> Acesso em 04 de março de 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

ALVES, Eliane Baptista. O Bairro do Caju : A Construção de uma periferia empobrecida. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Universidade do Estado do Rio Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2007.

ANDRADE, Maria Isabel de Toledo. **Direito de propriedade e renda pessoal: um estudo de caso das comunidades do Caju**. Rio de Janeiro: BNDES, 2006.

BIANCHETTI, L. Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 1, p.1 -8, 2002.

BIRMAN, Patricia. Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): p. 209-226, 2012.

BOURDIEU, Pierre . “Compreender”. In: BOURDIEU, Pierre (org.) **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ:Vozes, 1997.

BRASIL. Collecção das leis do Império do Brazil de 1875. Decreto 2639 de 22 de setembro de 1875. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18560/collecao_leis_1875_parte1.pdf?sequence=1> Acesso em 06 de março de 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Linha do tempo da COVID-19. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>> Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

Análise do apoio das igrejas evangélicas à política de morte: “Eu sou Messias, mas não faço milagre”

BURDICK, John. As redes religiosas nas favelas. In.: VITAL DA CUNHA, Christina (Org). **Oração de traficante: uma etnografia**. Rio de Janeiro: Garamond, p.185 – 230, 2015.

CAIO PRADO. Não Sou Teu Negro. Rio de Janeiro. Lyric Video. 2020. Suporte: 5 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qctO0rX24BU>> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira - 1. ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2012.

DORALYCE. Vamos Derrubar O Governo. **Showlivre**. Brasil. 2020 Suporte: 2 min e 45 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vxAKWV1zW4Y>>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. **Nexo Jornal**. 26 de maio de 2017. Disponível: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em 10 de março de 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão**. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.

GONÇALVES, Leandro A. P.; SILVA, Roberta D. F. C.. As pílulas do Messias: salvação, negação e política de morte em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30(2), e300208, 2020.

JÚNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. **Pro-Posições**, v.16,n.I (46) –jan/abr. 2005.

NEVES, L.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados** v. 18, n. 52, pag. 121-138, 2004.

MATA, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

MUKASONGA, Scholastique. **Baratas**. São Paulo: Editora Nós, 2018

OJIMA, R. As cidades invisíveis: a favela como desafio para urbanização mundial. R. bras. **Est. Pop.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 345-347, jul./dez. 2007.

PAZ, Hugo. **Para desenhar outros fatos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

QUADRO, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 24, nº 3, set.-dez., p. 486-522, 2018.

REDAÇÃO. O Estado de S.Paulo. 'Maricas', 'histeria', 'não sou coveiro': relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. 11 de novembro de 2020 às 09h00. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,maricas-histeria-nao-sou-coveiro-relembre-frases-de-bolsonaro-sobre-a-covid-19,70003509925>> Acesso em 04 de mar de 2021.

RIO DE JANEIRO (cidade). Porto Maravilha. Prefeitura do Rio de Janeiro. Agosto. nº 5. 2011. Disponível em: <<https://www.portomaravilha.com.br/uploads/revistas/65e9e5b211506d074531de749391c284.pdf>> Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Orgs). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SOUZA, Ricardo Costa. Existe vida no Caju: reflexões e ações em torno de um bairro degradado. **Monografia. UFF**. Rio de Janeiro - Niterói. 2017.

Análise do apoio das igrejas evangélicas à política de morte: “Eu sou Messias, mas não faço milagre”

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. O abuso de poder religioso no processo eleitoral: realidades brasileiras e soluções. **Coisas do Gênero**. São Leopoldo. v. 5 n. 1. p. 87-100. Jan.- Jun. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>> Acesso em 21 de fevereiro de 2021

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005. Cap 1.

VALLADARES, Licia do Prado. **A gênese da favela carioca: A produção anterior às ciências sociais**. RBCS Vol. 15 n o 44 outubro/2000

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: Ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro-RJ. Zahar. 2013.

Submetido em: 30 de nov de 2021.

Aprovado em: 01 de dez de 2021.

Publicado em: 31 de dez de 2021.